

## O Amazonas de Luto: o rito fúnebre e a consagração de Eduardo Gonçalves Ribeiro

Geisimara Soares Matos\*

**Resumo:** O artigo que aqui apresentamos faz parte de minha monografia de conclusão de curso. Nela, procuramos identificar como se deu a construção da memória histórica de Eduardo Gonçalves Ribeiro (1862-1900) e sua longevidade na memória histórica amazonense. A escolha desse personagem se deu devido a importância dada à sua figura no estado do Amazonas, o discurso ufanista e laudatório construído sobre ele e o silenciamento de sua negritude. A parte que aqui iremos apresentar trata da morte, velório e enterro de Eduardo Ribeiro como momentos emblemáticos para sua consolidação e consagração como herói do Amazonas, ou seja, sujeito que trouxe a modernidade para esse povo. Para isso, utilizamos basicamente de fontes jornalísticas da época a fim de entender como se deu o ritual, e mais do que isso, também entender que discursos a grande imprensa fez e apresentou a respeito deste morto e sua morte. Ao fim e ao cabo, nos deparamos com um ritual fúnebre que teve como objetivo importante a consagração de Ribeiro, fazendo isso através do enaltecimento de seus feitos, e de sua popularidade<sup>1</sup>.

**Palavras-Chave:** Eduardo Ribeiro; Consagração; Memória; Herói; Rito Fúnebre.

### Introdução

É inegável que, a partir de 1889, com o estabelecimento da República Brasileira é assinalado não apenas a inauguração de um novo regime, mas também a ascensão de grupos diferenciados aos postos de comando (LAMB, 2012, p.183). Nesse sentido, se vê um cenário com transformações e continuidades nos diversos setores da vida pública, econômica, política e social em todos os cantos do país.

---

\* Licenciada em História pela Universidade Federal do Amazonas. Contato: geisimara.soaresmatos@gmail.com.

<sup>1</sup> Apresenta considerações iniciais da pesquisa.

Este trabalho é oriundo de uma parte de minha monografia de conclusão de curso, que permeia a problemática da trajetória de Eduardo Gonçalves Ribeiro (1862-1900) como governador do Amazonas sob os primeiros anos da República. Esse, apesar de ser um ponto importante para a construção da dinâmica da pesquisa, não é nosso objetivo principal, sendo assim, muito além de reconstituir sua trajetória, procuramos identificar como se deu a construção de sua memória como herói do Amazonas, tendo em vista o discurso ufanista e laudatório que se constrói sobre esse sujeito e sua longevidade na memória histórica amazonense.

Sabendo disso, as discussões aqui apresentadas giram em torno de mostrar como o ritual fúnebre e o enterro de Eduardo Gonçalves Ribeiro foram momentos importantes para reafirmar seu papel de herói do Amazonas, o homem que trouxe a modernidade para o Estado. Além disso, ao utilizarmos de fontes jornalísticas, procuramos entender que representações esse meio de comunicação apresentou a respeito de sua morte e de sua figura. Esta proposta se mostrou relevante, pois observamos a importância desse tipo de cerimônia para a consagração desse indivíduo.

Para que essas análises sejam possíveis, é necessário que resgatemos importantes considerações em torno da construção da memória. Como sabemos, são os grupos sociais que determinam o que merece ser lembrado, como será lembrado e o que será esquecido. Sendo assim, com a morte de Ribeiro, entramos nos espaços de disputa da memória de nosso personagem, que buscaremos elucidar. É importante destacar que este trabalho procura identificar, primeiramente, os discursos laudatórios sobre Eduardo Ribeiro, sendo assim, os discursos na contramão dos que utilizaremos não serão abordados no momento, já que pretendemos focar na construção do mito Eduardo Ribeiro.

Michael Pollak, no artigo “Memória, esquecimento, silêncio”, reconhece o caráter potencial dos estudos da memória coletiva e as perspectivas atuais sobre esse fenômeno. Ou seja, “não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem são solidificados e dotados de duração e estabilidade” (POLLAK, 1989, p. 2). O autor ainda salienta que, ao se estudar memórias

**O Amazonas de Luto: o rito fúnebre e a consagração de Eduardo Gonçalves Ribeiro**

coletivas fortemente constituídas, é necessário, primeiramente, analisar sua função. Para isso, Pollak resgata o termo “memória enquadrada” de Henry Rousso:

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de diferenças associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro. (POLLAK, 1989, p. 8)

Para ele, o trabalho de enquadramento da memória, ou seja, a análise de seus agentes e traços materiais, pode ser uma chave para estudar, de cima para baixo, como as memórias coletivas são construídas, desconstruídas e reconstruídas (POLLAK, 1989, p. 10).

Entre os anos de 1920 e 1930, Maurice Halbwachs enfatiza “que a memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (POLLAK, 1992, p.201).

Assim, ao propor esta pesquisa, é importante relacionar o estudo da trajetória do indivíduo a uma memória coletiva construída por meio de vivências, apropriações e experiências coletivas que se formam a partir de sua morte. Sua memória está presente em nomes de avenidas, escolas e museus de Manaus. Eduardo Ribeiro, após sua morte, que até hoje é apresentada como um mistério, passou a representar o herói, o sujeito que trouxe a modernidade para o Amazonas. Ribeiro está presente no cotidiano dos manauaras, que não se cansam de discutir sobre como se deu sua morte ou como um homem negro e nordestino tornou-se governador.

**O Morto**

A trajetória de vida de Eduardo Ribeiro é um exemplo das possibilidades da nova sociedade republicana. Homem negro, nascido em São Luiz – MA em 18 de setembro de 1862, teve uma infância humilde e logo iniciou sua vida profissional. A princípio, fixou-se como ajudante de sapateiro, posteriormente, foi sacristão e ajudante de vaquejada. Apadrinhado por um político poderoso, Ribeiro pode ingressar no Liceu onde conseguiu

cursar o ensino primário e secundário, concluindo assim o curso de humanidades (ANDRADE, 1995, p. 65). Ainda no Maranhão, teve uma vida bastante ativa, pois foi fundador do jornal *O Pensador*, juntamente com outras ilustres figuras, como a de Aluísio de Azevedo. Intitulava-se um jornal anticlerical e nele faziam críticas severas à sociedade em que viviam e, principalmente, à Igreja Católica.

Anos depois, entra para a escola militar e fixa-se no Rio de Janeiro, bacharelando-se em ciências matemáticas em 1886 (MONTEIRO, 1990, p. 12). Já promovido a 2º tenente, é enviado para Manaus em 1887. Ao desembarcar, é mandado diretamente para que se recolhesse ao batalhão por medida disciplinar, pois, durante sua passagem em Belém, havia tido alguns problemas tendo em vista sua forte adesão ao movimento republicano<sup>2</sup> (BITTENCOURT, 1973, p. 195). Em agosto de 1887, Eduardo Gonçalves Ribeiro chega a Manaus.

Já em Manaus e assumindo diversos cargos de prestígio e vivenciando vários embates partidários marcados por troca de acusações e de idas e vindas no governo do Amazonas, Eduardo Ribeiro se consolida como governador de 27 de fevereiro de 1892 a 23 de julho de 1896. Após sua saída do governo do Estado, continua no meio político, exercendo o cargo de senador. Passando por vários problemas de saúde no fim de sua vida, sua morte acontece em 14 de outubro de 1900 e é marcada por controvérsias, persistindo até hoje um mistério, o suicídio é a causa mais relatada em literatura sobre sua figura.

Observamos assim, o início da principal administração de Eduardo Gonçalves Ribeiro (1892-1896). Administração esta que é conhecida pelas obras de intervenção urbana, edificações suntuosas e pela ênfase na modernidade urbana. Obras como o Teatro Amazonas, o Palácio da Justiça, reservatório do Mocó, a ponte Benjamin Constant, dentre tantos outros fatos, são registradas e conhecidas na história do Amazonas. Sobre isso, Mário Ypiranga Monteiro nos diz que “tornou-se lugar-comum admitir-se tudo quanto Manaus possui de bonito e moderno ao governador dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro”, fato que acaba por deixar à margem os feitos durante a monarquia (MONTEIRO, 1990, p. 95).

---

<sup>2</sup> Mário Ypiranga Monteiro, em sua obra *Negritude e Modernidade*, acredita que isso não fora motivo suficiente para que Eduardo Ribeiro recebesse essa medida disciplinar.

## O Amazonas de Luto: o rito fúnebre e a consagração de Eduardo Gonçalves Ribeiro

Mas nem tudo eram flores, as lutas políticas, que aconteciam desde o estabelecimento da república, não cessaram. Diversas acusações ao seu governo aconteciam a todo o momento. Olympio Lima em Carta Aberta a Eduardo Ribeiro nos faz saber sobre algumas das acusações de que Ribeiro era alvo em jornais de oposição, ele diz:

Hontem, por exemplo, andavam a dizer:

- a) que recebestes pelo Pernambuco, duas peças de tiro rápido;
  - b) que mandastes comprar a uma ou duas lojas de ferragens 3 contos de reis em rifles;
  - c) que tendes mandado comprar no Pará, grande quantidade de armamento.
- (Diário de Notícias, 04 de abril de 1893)

Ainda nessa Carta, Olympio Lima nos informa que há boatos correndo pela cidade de que por ordem de Eduardo Ribeiro, que pessoas que não pensavam ou que não morriam de afetos por ele estava sofrendo algum tipo de represália. Olympio não acredita nas acusações que chegam a seus ouvidos e enaltece a índole de Ribeiro ao longo de seu texto.

Os boatos já corriam muito antes desta denúncia de Olympio Lima. Por ocasião de artigos publicados em jornais que eram ofensivos a imagem do governador, as primeiras censuras à imprensa foram feitas. Jornais como o *Commercio do Amazonas* e *Diario de Manaós* foram punidos já em 1892. Luciano Costa Teles, em artigo sobre jornais operários no início da República no Amazonas, nos apresenta o caso do jornal operário Gutenberg que, após passar a tecer críticas ao governo de Ribeiro, teve suas publicações suspensas.

O autor ainda nos apresenta o jornal *Operário* que, depois de também ter seus números suspensos, reaparecem fazendo críticas mais severas à administração de Ribeiro, publicando artigos que caracterizavam o governo como sendo um “terror”. Falar mal de Eduardo Ribeiro não era fácil e talvez essa seja uma outra faceta de Ribeiro que ainda é pouco explorada: seu autoritarismo em situações contrárias.

Em 1893, por uma exposição de tentativa de atentado feita por Eduardo Ribeiro, o mesmo nos faz saber sobre tentativa de conspiração contra seu mandato já em janeiro daquele ano. Após esses acontecimentos, teve início, em 26 de fevereiro de do mesmo ano, o que ficou conhecido como “A Revolução em Manaós”, em que os principais chefes do Partido Nacional aliados aos militares do 36º Batalhão de Infantaria organizaram-se para que Ribeiro

fosse deposto e que, conseqüentemente, Antônio Constantino Nery assumisse o posto. O acontecimento causou abalo na população e mortes<sup>3</sup>.

Sobre sua administração, Agnello Bittencourt é enfático: “com aquele espírito de iniciativa a realização de Eduardo Ribeiro, foi fácil, em 4 anos, transformar a grande aldeia que era Manaus, na cidade moderna que passou a ser” (BITTENCOURT, 1973, p.196). Esse é o pensamento corrente na historiografia amazonense, como também na memória da população sobre sua figura, Mário Ypiranga, apesar de enfatizar o caráter visionário de administrações anteriores, não nega a notória capacidade de trabalho que ele tinha:

Essa energia contaminadora, que o levava a estabelecer linha de navegação para o Maranhão, a mandar vir colonos e operários maranhenses, pois as obras novas exigiam mão-de-obra especializada, adjutórios extras, tantas as disponibilidades chamarizes do braço trabalhador, tantas as escavações, as paredes, os tetos, as valas, os aterros, as pontes, os desmontes, aqui, acolá (MONTEIRO, 1990, p.100).

Havia um projeto de modernização de Manaus, não há como negar, mas é importante destacar que esse plano foi possível pelo crescimento econômico que o estado passava, tendo em vista a grande arrecadação de impostos com a borracha que era exportada. Por outro lado, o Congresso apoiava Eduardo Ribeiro, fazendo com que vários de seus projetos enviados ao Congresso fossem aprovados e assim pudessem receber financiamento. Muitas dessas obras realizadas por Ribeiro concentraram-se no centro de Manaus, com o objetivo de embelezamento, como muito destacam, mas não apenas por isso, já que sabemos que o período da Belle Époque não se resumia a uma maior proeminência de uma vida artística e boemia.

Ao final de seu mandato, e com mais impasses diante de sua pessoa e de seu partido, o republicano, nas eleições de 1896, Eduardo Ribeiro é eleito para ocupar uma cadeira no senado federal como representante do Amazonas, contudo, Ribeiro não conseguiu assumir o

---

<sup>3</sup> Os acontecimentos referentes à conhecida “Revolução em Manaós” não fazem parte, não neste momento, do objetivo proposto por este trabalho. Apesar de ter sido pouco abordada na historiografia amazonense, o livro *Negritude e Modernidade* de Mário Ypiranga Monteiro, Jornais como o Amazonas de março de 1893 e exposição de tentativa de atentado feita por Eduardo Ribeiro (06 de abril de 1893) nos fazem saber com mais detalhes sobre esse acontecimento.

## O Amazonas de Luto: o rito fúnebre e a consagração de Eduardo Gonçalves Ribeiro

cargo. Já que não possuía privilégios por conta de cargo público, continuava sobre as miras da imprensa.

Em 1898, manteve-se como líder do Partido Republicano Federal e assume o posto de presidente do Congresso Estadual e o cargo de redator do jornal *A Federação*. Ainda naquele ano, concorreu as eleições para o senado federal novamente, mas não é eleito. Os desgastes políticos estavam sendo constantes e as investidas da imprensa continuavam e seus problemas de saúde ficaram evidentes (MESQUITA, p.298).

Este personagem é lembrado no Amazonas, como o responsável por trazer a modernidade para a região norte do país, tendo em vista ter dado início à construção do grande Teatro Amazonas e até ter feito grandes melhoramentos na cidade. Ou seja, tirou o Amazonas do obscurantismo. Para além disso, sua imagem é sempre ligada às inúmeras polêmicas que norteiam sua figura, como seu possível desequilíbrio mental, seu enriquecimento ilícito, uma concubina e um filho bastardo, até culminar no mistério que a sua morte é até hoje.

### Da morte...

Eram 8 horas e 30 minutos da manhã de ante-hontem, seguiram no bond do Flores os srs Bonifácio de Almeida, Castello Branco, Tranquilino Leitão, Deometes Costa, o escrivão Nogueira, J. Feire da Silva, Major Joao Batista, J. dos Anjos do Amazonas, até a chácara Pensador. [...] Ao entrar na habitação opulenta do dr Eduardo, uma nuvem de tristeza "passou por todos os semblantes. Todos sofriam naquele momento a saudade do amigo, do chefe querido que partira. (Jornal O Amazonas, 17 de outubro de 1900)

Quando o ex-governador do Amazonas, Eduardo Gonçalves Ribeiro morreu em 14 de outubro de 1900 em sua casa, a Chácara Pensador, já era tratado como herói por grande parte da população amazonense. Na ocasião descrita acima, o juiz iria fazer o arrolamento dos pertences deixados por Ribeiro.

Sua situação clínica já não estava indo bem, e isso anunciava tempos difíceis para *O Pensador*<sup>4</sup>. Durante o primeiro semestre do ano de 1900, publicações de mensagens em jornais, como *A Federação*, nos mostram ora a sua piora, como posteriormente a sua melhora. Sem dúvidas, Eduardo Ribeiro esforçava-se em se tratar, tendo em vista sua insistente busca por tratamentos no exterior<sup>5</sup>, como exemplifica a nota abaixo:

Restabelecido dos sofrimentos, que determinaram sua viagem à Europa, s. exe. Volta ao seio dos seus amigos, que ansiosos o esperam, cheio de vida e disposto a dedicar toda sua bôa vontade e superior intelligencia ao progresso do Amazonas, que lhe deve boas e reaes serviços (Jornal A Federação, 25 de Agosto de 1900).

Mas essas notícias já vinham acontecendo desde o final do ano de 1899. Entretanto, essas notas não nos dão conta de saber do que realmente consistia o problema de saúde de Eduardo Ribeiro, talvez por desconhecimento da gravidade da enfermidade, por total indiferença, ou ainda por tentar deixar a doença de Ribeiro fora dos holofotes, tendo em vista as polêmicas em que esteve envolvido no final de sua vida, seja na política, ou em embates constantes com o Barão de Ladario. Como podemos observar em telegrama recebido e publicado pelo o jornal *A Federação*, as informações sobre a enfermidade de Eduardo Ribeiro não nos são dadas.

[...] sabemos haver embarcado no <Olinda>, esperado aqui no dia 21, o prestimoso chefe republicano do Estado do Amazonas, dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro, que vem a este Estado convalescer de incommodos de saúde que o obrigam a fazer essa viagem, procurando em nosso benéfico clima o refasimento de suas forças phisicas (Jornal A Federação, 21 de novembro de 1899).

Entre idas e vindas de viagens a diversas partes do Brasil e a cidades do exterior, Ribeiro voltara do Velho Mundo em 05 de setembro de 1900, aparentemente restabelecido, segundo texto de Júlio Benevides Uchoa, divulgado por Mário Ypiranga Monteiro. Ainda segundo esse

---

<sup>4</sup> *O Pensador* faz referência ao nome dado ao jornal fundado por Eduardo Gonçalves Ribeiro juntamente com outros famosos personagens maranhenses como Pedro Freyre, Manuel de Béntheucourt e Aluísio de Azevedo, editado a partir de 1880. Este jornal de caráter altamente anticlerical, abrigava a efervescência de ideias de uma geração insatisfeita com a hipocrisia social existente. (*Negritude e Modernidade*, 1990, p. 138)

<sup>5</sup> O Jornal carioca *O Paiz* de 13 de março de 1900 também já noticiava a saída do país de Eduardo Ribeiro, para que o mesmo pudesse cuidar de sua saúde.

## O Amazonas de Luto: o rito fúnebre e a consagração de Eduardo Gonçalves Ribeiro

texto, Eduardo Ribeiro permanecia aos cuidados de médicos e alferes da Força Pública que estavam ali para garantir que o mesmo não cometesse nenhum ato de insensatez<sup>6</sup>.

Entretanto, tantas pessoas assim não foram suficientes para evitar o fatídico acontecimento. Sua morte foi notícia nos mais variados jornais e ecoa até hoje na memória histórica amazonense como um dos maiores mistérios ocorridos no Estado. Sobre ela teceram-se os mais variados comentários, sendo o suicídio o mais aceito e divulgado até hoje.

Durante a madrugada de sua morte, segundo Júlio Benevides Uchoa (apud Monteiro, 1990, p. 47), Eduardo passara agitadíssimo, em grande estado nervoso. Até o momento em que, na madrugada do dia 13 de outubro, o enfermo tirou as correntes de sua rede, sacudiu-as e jogou-as umas nas outras. O enfermeiro que o acompanhava tirou-as de sua posse, até que Ribeiro solicitou que o mesmo trouxesse-lhe leite. Durante o curtíssimo tempo em que ficara só, pôs termo a vida:

Suicidara-se no próprio quarto de dormir, uma sala junto a varanda, com janelas para quintal e pátio. Tinha enlaçado no pescoço uma corda de mosqueteiro – uma corda de cor verde – que pendia do armador. Eduardo Ribeiro jazia com a cabeça para o lado direito, sentado no soalho, a cabeça e o tronco apoiados na parede, as pernas estendidas ao comprido, os pés ligeiramente cruzados (Jornal A Federação, 25 de Agosto de 1900).

Após sua morte, inúmeras polêmicas em torno dos médicos que cuidaram de Eduardo Ribeiro ecoaram nos jornais locais. Como exemplo disso, podemos destacar uma resposta escrita pelos médicos Carlos Grey, Miranda Leão, Jorge de Moraes e Antonio de Carvalho Palhamo ao Jornal *Commercio do Amazonas* em 18 outubro de 1900, onde contrapõem a nota divulgada no jornal *Amazonas Commercial*, em que Antonio de Figueiredo diz ter exercido atividades como médico de Eduardo Ribeiro até 11 de outubro, ocasião em que a comissão de sanidade assume, fazendo-o retirar a camisa de força que usava. Em contrapartida à comissão citada acima, dizia que ao realizar os exames de sanidade o ex-governador já se

---

<sup>6</sup> Trecho de trabalho do professor Júlio Benevides Uchoa, apresentado por Mário Ypiranga Monteiro em seu livro *Negritude e Modernidade* (1990). Monteiro não nos fornece maiores detalhes quanto à origem dessa sua publicação. (p.47)

encontrava sem o devido equipamento (Jornal Commercio do Amazonas, 18 de outubro de 1900).

Pairava uma aura de mistério sobre Manaus, diversos jornais publicavam notícias que deixavam em dúvida as circunstâncias em que a morte havia acontecido. Tendo em vista a posição do corpo, questionava-se se havia sido suicídio ou homicídio<sup>7</sup>. Discursos em torno de sua morte continuaram a ser tecidos mesmo muito depois de sua morte. O Jornal *Quo Vadis?*, em nota sobre a passagem de três anos da morte de Ribeiro, deixa explícita a possibilidade de ter sido assassinato.

“Se são reaes os boatos, que Deus dê paz à sua alma e remorsos ao seu assassinos, que não podiam ser outros se não aquelles que o cercavam, que ele havia levantado da lama e nos quaes dava o nome de amigos” (Jornal Quo Vadis? 12 de dezembro de 1903)

Diversos autores que estudaram a figura de Eduardo Ribeiro também enfatizaram as condições misteriosas em que fora encontrado morto<sup>8</sup>. Mário Ypiranga Monteiro, que escreveu uma das obras memorialistas mais conhecidas sobre ele, coloca alguns questionamentos ao desconfiar do laudo médico que indicava asfixia por estrangulamento. Para ele, a corda de mosqueteiro e a roldana pequena não poderiam sustentar um corpo. Ainda sobre isso, Monteiro afirma que:

“[...] um médico italiano que vinha acompanhando o doente, estranhou aquela cena tão pouco revestida de naturalidade, chegando ao clímax de suspeita de homicídio, de assassinato! Para escurecer ainda mais o episódio trágico, o processo sumira da polícia!” (MONTEIRO, 1990, p. 48)<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> Sobre a morte de Ribeiro, Mário Ypiranga Monteiro nos apresenta ainda duas versões sobre a morte misteriosa. Uma das mais antigas diz respeito ao seu envenenamento através de um charuto. Outra versão diz que seu assassinato havia sido encomendado pelo barão de Santa-Anna Nery. Uma terceira diz que teria sido envenenado com ervas trazidas de Santarém. Ainda sobre isso Monteiro propõe que era “preciso liquidar o negro”. (Negritude e Modernidade, p. 83)

<sup>8</sup> Nomes como Agnello Bittencourt (1973), Moacir Andrade (1995), Robério Braga (2011), Antonio Loureiro (2004) apontam os mistérios sobre esse acontecimento, este último traça algumas hipóteses contrárias a notícia de suicídio, mas que não cabem neste momento no trabalho por deixar lacunas quanto as referências em seu texto.

<sup>9</sup> Nas páginas seguintes de seu livro, Monteiro trata a morte de Eduardo Ribeiro como crime e aponta que o fato de documentação pessoal do ex-governador ter desaparecido é explicado por um “silêncio imposto pelos interessados em apagar os vestígios do crime”. p. 50.

## O Amazonas de Luto: o rito fúnebre e a consagração de Eduardo Gonçalves Ribeiro

Como podemos observar, a notícia da morte do ex-governador causou um grande abalo na vida cotidiana da cidade, como também propiciou um grande debate em torno dos acontecimentos. Não nos interessa, ao menos neste momento, desvendar o mistério que paira há mais de 100 anos na história do Amazonas, o que nos interessa mais detidamente é a construção da mitologia em torno desta figura.

Sabemos que a morte faz surgir inúmeras questões em torno da memória, tanto individual quanto coletiva. Mesmo tendo morrido em um momento de extremo embate político e em circunstâncias de grande fragilidade física e mental o povo amazonense faria sua homenagem. Vamos acompanhar agora o evento de despedida a Eduardo Ribeiro a fim de identificar os atores da cerimônia fúnebre, como também seus interesses simbólicos na consagração de Ribeiro.

### Entre a morte e o túmulo

A prova substantiva de que o dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro era estimado pelo povo de Manaus está no ato de seu enterro. Foi uma apoteose, [...] (MONTEIRO, 1990, p.51)

Durante a Primeira República, os funerais dos grandes homens eram ritualmente apoteóticos. Sendo assim, não seria diferente com o ex-governador Eduardo Ribeiro como bem adjetivou Mário Ypiranga na citação acima. Luigi Bonofé, ao estudar os detalhes do enterro e funeral de Joaquim Nabuco no Rio de Janeiro, nos mostra que esse tipo de ritual fúnebre pode ser um exemplo representativo de práticas cívicas naquela época (BONAFÉ, 2008, p.82).

Bonafé ainda nos mostra outros contextos, no Brasil e no mundo, que objetivaram promover festas cívicas. Sendo assim, volta à França do Antigo Regime, mais especificamente ao reinado de Luís XIV, reinado este que contava com um “departamento de glória”, que tinha como intuito glorificar a imagem do rei, cujo emblema mais conhecido hoje é o de Rei Sol. Avançando um pouco no tempo e voltando para o Brasil, durante o Segundo Reinado, o autor nos mostra Dom Pedro II tomando parte, pessoalmente, de algumas instituições, a fim de

promover uma glorificação da Monarquia. Ainda sobre isso, destaca que as festas imperiais funcionavam como estratégia de afirmação da realeza (BONAFÉ, 2008, p. 83-84).

Apesar de destacar a profusão desses rituais cívicos, o autor alerta que, durante a Primeira República, não houve um projeto bem arquitetado de glorificação de heróis nacionais, como os que aconteceram em períodos anteriores. Mas, apesar disso, o autor afirma a importância de destacar a grande quantidade desse tipo de operação simbólica, pois oferece a possibilidade “de investigar a sociedade brasileira e, em especial, as tentativas de legitimação da República” (BONAFÉ, 2008, p. 85).

A recorrência desse tipo de ritual é citada por João Felipe Gonçalves (2000), que relaciona, em seu trabalho, vários funerais ocorridos no Rio de Janeiro e que tiveram um caráter simbólico bem evidenciado como: Rodrigues Alves (1921), Euclides da Cunha (1909), Machado de Assis (1908), Afonso Pena (1909), Joaquim Nabuco (1910), entre outros. Como podemos observar, “notadamente homens de letras e políticos” eram “celebrados no momento de sua morte” (GONÇALVES, 2000, p.148).

Apesar deste trabalho não ter como objetivo analisar as funções dos rituais cívicos para a consolidação da República brasileira, acredita-se que é importante destacar para nossos leitores a importância desse tipo de prática ao longo do período analisado. O objetivo desta parte do trabalho não é apresentar como Eduardo Ribeiro foi consagrado herói no momento de sua morte, mas sim, apresentar este momento como um caso específico capaz de revelar um dos momentos significativos de sua consagração como herói.

### O Roteiro<sup>10</sup>

Eram 6 horas da manhã quando a notícia da morte de Eduardo Gonçalves Ribeiro começou a correr pela cidade de Manaus. Imediatamente começou a romaria para a residência do morto, sendo os primeiros a chegar, o Dr. Alvares Pereira, o major Silva Serra e Euclides Nazareth, assim como tantos outros amigos de Ribeiro.

---

<sup>10</sup> As informações que compõem o roteiro funerário de Eduardo Ribeiro, e que será apresentado a partir de agora, foram retirados da edição especial do Jornal A Federação, em homenagem à memória do ex-governador, de 18 de outubro de 1900.

## O Amazonas de Luto: o rito fúnebre e a consagração de Eduardo Gonçalves Ribeiro

Posteriormente, chegaram à chácara o senhor coronel Affonso de Carvalho, acompanhado de uma junta composta por Alfredo Araujo, Carlos Grey, Miranda Leão, Clementino Ramos. Esteve presente também o subprefeito de segurança, Castor de Araujo, podendo-se assim iniciar o procedimento de interrogatório aos enfermeiros e o exame de corpo de delito, este que diagnosticou o estrangulamento por asfixia.

Depois de findada as formalidades legais, o corpo do morto foi colocado no sofá e ali foi vestido com um terno preto de casaca e calçado com botinas de verniz. Em seguida, transportaram o corpo para uma cama, montada para a ocasião, em sua alcova, lugar onde aconteceu a tragédia. Enquanto tudo isso acontecia, ia chegando à residência de Ribeiro vários de seus amigos e admiradores, seja a pé ou em bondes elétricos. O jornal *O Amazonas* de 16 de outubro de 1900 nos faz saber que o Congresso do Estado, o Diretório do Partido Republicano e a Redação do jornal *Commercio do Amazonas* fizeram distribuir boletins que falavam sobre o ocorrido e que faziam o convite para o enterro. Sem dúvidas seria um evento importante.

Às três e meia da tarde chega o caixão fúnebre, onde prontamente o corpo foi colocado. Sob uma pequena eça<sup>11</sup> na sala de visitas, o cadáver foi colocado e ali conservado até a hora de saída. Por volta das cinco horas da tarde, o monsenhor Coutinho chegou à residência acompanhado por quatro padres agostinianos, foi feita, então, a encomendação do corpo. Segundo o jornal *A Federação*, a cerimônia causou grande comoção e lágrimas nos presentes.

Teve lugar, às cinco horas e 20 minutos, o saimento do corpo. Levantaram o caixão e carregaram até o coche fúnebre, os senhores Affonso de Carvalho, doutor Alvares Pereira, o desembargador Lisboa, coronel Pinheiro e doutor Pofírio Nogueira, sendo substituídos posteriormente por Joaquim Catramby, Joaquim Teixeira, o desembargador Sindulpho Santiago, o capitão Pedro de Souza e o major Anízio Teixeira.

O governo do Amazonas colocou à disposição 11 bondes, todos lotados, e que deixaram os passageiros ao lado do cemitério. Além disso, vários carros de praça foram mandados para

---

<sup>11</sup> Nome do estrado onde se colocavam os caixões para os corpos serem velados.

acompanhar o enterro. O préstito chegou ao cemitério São João Batista às 6 horas da tarde, onde já se encontrava muitos amigos e admiradores. Tendo em vista a grande quantidade de pessoas, o desfile do cortejo da capela até a sepultura foi feito com muita demora.

Ao chegar o coche fúnebre, a força policial fez as devidas continências. Tirado o caixão, foi o mesmo levado até a frente do cemitério por figuras como Uchôa Rodrigues, doutor Alvares Pereira e o desembargador Lisboa. Depois de depositado sobre a eça o caixão, foi feita novamente a encomendação do corpo pelo monsenhor Coutinho. Concluída a cerimônia, o corpo foi levado para a sepultura, tendo orado, antes disso, os senhores Porfírio Nogueira pelo Estado do Amazonas e pelo governador, João Barreto em nome do *Amazonas Commercial*, Annibal Mascarenhas pelo jornal A Federação, J. dos Anjos pela classe operária, Alberto Leal pela Colônia Portuguesa e, em último lugar, o coronel Affonso de Carvalho pelo Congresso Amazonense e Partido Republicano Federal.

As homenagens ao morto não se deram apenas durante a cerimônia e cortejo. Inúmeras coroas de flores foram enviadas dos mais diversos endereços de figuras ou entidades importantes do Estado do Amazonas. Vários consulados, edifícios públicos, redações de jornais hastearam suas bandeiras em funeral. Além disso, uma comissão foi reunida, no escritório do *Commercio do Amazonas*, afim de tratar a respeito de monumento a ser erguido em memória de Ribeiro.

Essa rápida etnografia do funeral de Eduardo Ribeiro já nos indica algumas informações pertinentes quanto ao seu valor simbólico para a construção de sua memória local. Ao analisar funerais de personagens importantes da história da elite carioca, durante a República Velha, João Felipe Gonçalves aponta algumas características em comum em boa parte deles: “Longos cortejos com uma rígida ordem hierárquica, a assistência de numerosos populares e a participação de autoridades e pessoas de destaque da mais elevada elite carioca [...]” (GONÇALVES, 2000, p.149).

Como bem podemos observar na análise feita por Gonçalves, algumas dessas características acima elencadas nos fazem remeter ao funeral do personagem aqui analisado. Primeiro, é importante destacar, o fato dos jornais e de obras biográficas pesquisadas

## O Amazonas de Luto: o rito fúnebre e a consagração de Eduardo Gonçalves Ribeiro

afirmarem enfaticamente a presença popular no funeral de Eduardo Ribeiro. Segundo o Jornal O Amazonas de 16 de outubro de 1900, o povo, que disputava um lugar para se despedir, representava todas as classes sociais.

Enfatizar a presença massiva da população no espetáculo do enterro servia para um único objetivo: atestar a popularidade do herói. Sabendo disso, sem dúvidas podemos apontar o papel primordial do povo no processo de heroificação deste personagem. E, como bem evidencia Pierre Bourdieu, é no “campo do político que o uso do ‘povo’ e do ‘popular’ é mais diretamente rentável” (BOURDIEU, 2004, p.184).

Se há um povo, certamente existe uma elite. Eduardo Ribeiro estava sempre acompanhado de pessoas importantes, tendo em vista sua aclamada e conturbada vida política, e não seria diferente na hora de sua morte até o seu sepultamento. Como bem nos é mostrado na descrição de seu rito fúnebre, grandes personalidades da política amazonense fizeram-se presentes para fazer sua homenagem. Embora não tenhamos acesso aos discursos ou orações proferidas por essas personalidades, podemos inferir que nesses momentos residiram os laudatórios discursos fúnebres. Sobre isso, Gonçalves nos diz:

Os funerais eram grande ocasião para a ostentação da verborragia complicada e do vocabulário difícil, grandes símbolos de superioridade social. Os discursos eram tão numerosos quanto longos, e visavam explicitamente à imortalização do “preclaro morto” e ao seu ingresso no panteão da nação (GONÇALVES, 2000, p.150).

Ainda sobre esse aspecto, o autor desenvolve a tese de que esses funerais funcionavam como desfiles da elite para o povo. Assim, os rituais fúnebres “eram uma demonstração pública e teatral do mundo das letras e do poder político, dois dos maiores símbolos da elite de então. Sua firme associação simbólica e ritual com poderes militares apenas salientava o caráter de reforço das hierarquias” (GONÇALVES, 2000, p. 153). Ou seja, o fato dessas camadas sociais tão opostas estarem juntas nesse tipo de cerimônia, só servia para reforçar a ideia de hierarquia e diferença entre elas.

Outra dinâmica para ser apontada nessa discussão são as entidades que enviaram representantes ao funeral de Ribeiro como: o *Jornal Commercio do Amazonas*, o *A Federação* e

o *Gremio Dramatico Taborda* ou tantos outros que hastearam bandeiras em funeral, mandaram telegramas em comoção ou coroas de flores para o velório. Isso nos indica, mais do que sua popularidade, “a diversidade de valores simbólicos atribuídas à figura do ilustre morto” (BONAFÉ, 2008, p. 101). Para além de significar a pessoa que trouxera a “modernidade” para o Amazonas, representava a República e o lugar de prestígio que essas entidades queriam estar ou continuar.

### O defunto nos jornais

Saindo da dimensão ritualística propriamente dita, entramos na dimensão cognitiva e discursiva da morte e do funeral analisado. Isso nos leva a perguntar quais foram os discursos construídos pelos artigos jornalísticos sobre esse evento? Ou seja, que ideias e valores eram suscitados, nesse tipo de veículo, a respeito da morte de Eduardo Ribeiro?

Como sabemos, todo regime político busca criar um panteão cívico e enaltecer figuras que possam servir de modelo para toda uma comunidade e, sendo assim, não seria diferente com a República. Apesar de nos referirmos a heróis, que são figuras mitológicas por excelência, nos tempos modernos eles são pessoas reais, como nos alerta José Murilo de Carvalho em seu *A Formação das Almas* (1990). Sabendo disso, a importância de analisar o papel da imprensa, no que tange a “heroificação”, é importantíssimo.

Selecionamos dois jornais que produziram por ocasião da morte de Ribeiro, edição especial sobre o mesmo. O primeiro, e que nos deu suporte para entender o roteiro do velório e enterro do ex-governador é o *A Federação* de 18 de outubro de 1900, que tece, em várias páginas, homenagem à sua memória. O outro jornal que dedicou edição especial em homenagem a Ribeiro é o *A Escola* de 13 de novembro de 1900. É importante destacar que inúmeros outros jornais fizeram suas homenagens a Eduardo Ribeiro, sempre com notas de pesar e destacando suas características positivas. Entretanto, escolhemos essas duas edições, de jornais diferentes, primeiro por terem dedicado mais páginas, no caso uma edição, para comentar a morte da nossa personagem e, segundo porque, acreditamos que eles demonstram o papel central da imprensa na construção da memória desta personagem.

## O Amazonas de Luto: o rito fúnebre e a consagração de Eduardo Gonçalves Ribeiro

A imprensa Amazonense debruçou-se em noticiar a morte e o séquito que acompanhava este “querido cidadão”. O jornal *A Federação* de 18 de outubro de 1900 dedica uma “Homenagem à memória do preclaro Chefe do Partido Republicano Federal do Amazonas e fundador d’ A Federação”. Sem dúvidas este acontecimento não poderia passar despercebido. Como tratamos aqui do período de surgimento e consolidação da República brasileira, é inevitável que um jornal republicano como este não começasse sua homenagem enaltecendo o novo regime, este, tão caro a Eduardo Ribeiro, como também enfatizando a importância de grandes homens para a consolidação desse regime:

Não quis a providencia, no entanto, que a obra de Benjamin e Deodoro tivesse a triste história da conjuração Mineira ou da **Revolução** Pernambucana, e se lhe faltava o entusiasmo popular pela escassez de instrução do povo, conservado em trevas pela conveniências monarcas, permittio que se abrassem de zello por ella alguns grandes espíritos, cuja funcção seria revelar ao povo a grandeza do novo regime [...] (A Federação, 18 de outubro de 1900)

E, claro, Eduardo Gonçalves Ribeiro era um desses grandes espíritos, como bem explicitado em um parágrafo posterior: “Ora, o grande cidadão que levamos ao túmulo no domingo ultimo era um desses fronteiros, emissário da ideia nova n’esta região da Patria, defensor entusiasta dos princípios que Benjamin apostolara e pelos quais Floriano morrera.” A legitimação da República brasileira não poderia ser feita a partir do discurso, já que este era inacessível ao público com menor nível de educação. Isso teria de ser feito através de sinais universais, símbolos e, claro, mitos. Carvalho nos diz que para a consolidação e legitimação de um novo regime político, o imaginário é parte importante. Assim, é por meio do imaginário que se pode atingir além da cabeça, o coração, ou seja, os medos e aspirações de um povo (CARVALHO, 1990, p. 10).

Sem dúvidas, Eduardo Ribeiro era herói, mas um herói de carne e osso, que “apesar dos preconceitos<sup>12</sup> arraigados e de continuo choque de espirito de rotina e pelo apego a

---

<sup>12</sup> Aqui, o jornal refere-se a cor da pele de Eduardo Ribeiro. Isso nos mostra que mesmo sendo negro, o que na época configurava como um empecilho ainda maior que hoje para a ascensão social, o mesmo conseguiu superar essa suposta “dificuldade”.

instituições destruidoras”; o mesmo conseguiu fazer com que o Amazonas compreendesse “que a republica era sua salvaguarda e sua força nas jornadas a commetter ou nas luctas a ferir para a conquista do progresso” (*A Federação*, 18 de outubro de 1900).

O jornal caracteriza a grande obra de Ribeiro a partir de duas características diferentes: o político e o administrativo. Este primeiro se cumpriu, pois não se fez às custas da ignorância, mas sim por sua poderosa inteligência e que mesmo sendo odiado por diversas pessoas conseguiu firma-se no coração do povo amazonense. Já como administrador configurava-se como protetor supremo desta região, pois este não era apenas um ilustre republicano, mas um homem dedicado e de bom espírito. É o que nos diz Aníbal Mascarenhas sobre o Pensador.

Essa edição do jornal conta com a participação de ilustres figuras do Amazonas, que tecem considerações sobre a figura tanto pessoal quanto política de nosso personagem. Entre eles temos: João Leda, Ludovico Lins, Mariano Leda, João Diaz Lopez, Flavio Teixeira, entre tantos outros. João Leda compara sua trajetória a de Lincoln e William Pitt e diz que apesar de não poder igualá-los, diz que a grande obra de Ribeiro foi também opulenta e extraordinária. João Leda ainda destaca que, de um Amazonas obscuro, tido como pátria selvagem, Eduardo Ribeiro, em seu grande espírito havia feito brilhar.

Apesar de ser pouco recorrente nos discurso ufanista e laudatório sobre Eduardo Ribeiro, o tema de seu possível desequilíbrio mental é colocado nessas homenagens póstumas. Sua loucura é colocada por Mariano Leda de forma bastante passiva, como se o suicídio fosse esperado tendo em vista o mesmo ser considerado incapaz diante dos perigos de sua doença. O *Amazonas Commercial*, em nota publicada no jornal *A Federação*, nos mostra que: “resultante da própria moléstia, consequente do próprio estado mórbido de Eduardo Ribeiro, cuja exaltação mental se fazia insistente por vezes, o suicídio não seria impossível [...]” Para eles, a morte acabou com o sofrimento do ilustre ex-governador. Ou seja, o discurso de seu corpo louco, aqui, em nenhum momento desqualifica o homem que Ribeiro foi um dia.

## O Amazonas de Luto: o rito fúnebre e a consagração de Eduardo Gonçalves Ribeiro

Isso nos demonstra outra faceta simbólica e discursiva sobre o seu desequilíbrio mental, que culminou em seu suicídio. Os relatos nos jornais e até mesmo na escrita memorialística sobre isso, envolve-se a morte de Ribeiro em uma esfera mágica, heroica, de fascinação. Carregados de dramatismo, esses relatos nos levam a crer na magia de um suicídio heroico, onde Ribeiro, acometido por uma doença mental, talvez acarretada por sua conturbada vida política só poderia ter um fim com a morte.

Muitas dessas notas a respeito da morte de Ribeiro e da pessoa que teria sido em vida, enfatizam que o mesmo sempre esteve envolto de pessoas queridas, que se preocupavam com seu bem estar, mesmo que estivesse em más condições físicas. Entretanto, Mário Ypiranga Monteiro (1990, p.43), em obra já citada, nos apresenta um Eduardo Ribeiro diferente, politicamente infeliz depois de deixar o governo. No fim de sua vida, conta o mesmo, ele encontrava-se “abandonado por amigos e detestado pelos inimigos, deveria refugiar-se na mais humilhante das posições, se é que já não estava desde muito em situação de não poder conter-se”.

Era unânime dentre todos esses senhores a dedicação de Eduardo Ribeiro ao Estado do Amazonas, sua inteligência e amor que dedicou a esta região que o acolheu tão bem, tendo dedicado sua existência a perpetuar os princípios de republicanismo. Seu patriotismo é inúmeras vezes destacada, como característica fundamental para a construção da nação e prosperidade do Amazonas.

O outro jornal que dedicou um número em homenagem a Eduardo Ribeiro foi o *A Escola*, órgão do Colégio 15 de novembro. O número 6 do periódico, de 13 de novembro de 1900 não fugia dos inúmeros superlativos e elogios proferidos à figura do Pensador. O ilustre morto, agora, protegeria a juventude do Amazonas que venerava sua memória. Ribeiro não era um morto qualquer, sua memória deveria ser extensa e nem mesmo as extensas críticas que destruiria a posteridade, que lembraria dele como bom cidadão.

Diferentemente do *A Federação*, que deu grande destaque à figura política de Ribeiro e sua importância para o cenário republicano que crescia em todo Brasil, o jornal agora aqui analisado, era escrito por estudantes. Alguns deles, saídos da sombra de sua intimidade para

prestarem sua última homenagem ao ex-governador, enfatizaram a obra de Eduardo Ribeiro no que tange à modernização da cidade. Ou seja, sua multiplicidade de ações possibilitou a prosperidade desta terra, sobre isso nos diz que: “A sua prodigiosa actividade desdobrou-se, multiplicou-se, e, em estreita aliança com seu gênio empreendedor, attendem a tudo, n’um espaço de tempo diminuto. [...]” (A Escola, 13 de novembro de 1900).

### Considerações finais

As discussões aqui levantadas, mesmo que de forma inicial, dão vista a pensarmos questões em torno da memória. Sendo assim, procuramos acompanhar de perto o evento de morte e enterro de nosso personagem a fim de identificar na cerimônia fúnebre as simbologias que marcaram a consagração de Eduardo Ribeiro. A escolha de estudar essa personagem vem de encontro a questionamentos sobre sua trajetória, sua consagração como herói do Amazonas e a longevidade do discurso ufanista e laudatório construído sobre esse sujeito. O rito fúnebre aqui é entendido como momento emblemático para heroificar Ribeiro.

Como podemos observar com as descrições durante o artigo sobre a morte, enterro e homenagens a Eduardo Gonçalves Ribeiro, os atos solenes e de reverência ao morto precisavam ser publicitados. Embora saibamos que os espaços de sociabilidade em que Ribeiro estava envolvido havia rivalidade e que há um discurso na contramão do que releva essas passagens de conteúdo ufanista e laudatório sobre ele, no momento o estudo procura fazer um apurado da construção do Eduardo Ribeiro como herói, como também sua longevidade na memória histórica amazonense.

Sendo assim, observamos que antes de morrer, Ribeiro já era alguém querido por boa parte da população amazonense, com isso, a comoção pública e a simbologia que envolvia sua morte é totalmente compreensível. O processo ritual que envolveu seu velório e o seu enterro, como as construções do discurso envolvendo em que circunstâncias haviam acontecido sua morte, evidencia que Eduardo Ribeiro precisava ser lembrado e muito mais

## O Amazonas de Luto: o rito fúnebre e a consagração de Eduardo Gonçalves Ribeiro

do que isso, que seus feitos como governador do Amazonas deveriam ser enaltecidos, e que a morte não seria o fim de sua memória e seus feitos.

Os atores envolvidos no ritual fúnebre, em sua maioria políticos importantes e jornalistas de grandes jornais em Manaus dão conta de transformar o ritual em ato político e em marcar a grandiosidade do evento e do morto. O povo, também presente, é sempre lembrado nas descrições do evento, sempre evidenciando a quantidade de pessoas que fizeram questão de se despedir de Ribeiro, afinal, era fundamental, se estamos falando em consagrar heróis e uma memória, que nossa personagem fosse popular.

Sem dúvidas, a República não se fez apenas pelas leis.

### Referências bibliográficas

- ABREU, R. **A fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil.** Rio de Janeiro. Rocco: Lapa, 1996.
- AVELAR, A. S. **A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões.** Revista Dimensões, vol.24, 2010, p. 157-172.
- AZEVEDO, E. **Orfeu de Carapinha: a trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo.** / Campinas, SP: Editora da Unicamp / Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 1999.
- BITTENCOURT, A. **Dicionário Amazonense de Biografias: vultos do passado.** Rio de Janeiro, Conquistas, 1973, 520 p.
- BONAFÉ, L. **Como se faz um herói republicano: Joaquim Nabuco e a República.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, 2008.
- BORGES, V. P. Fontes biográficas: grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, C. B. (Org.) **Fontes históricas.** - 2. ed. 1ª impressão – São Paulo: Contexto, 2008.
- BOURDIEU, P. Campo de poder, campo intelectual e habitus de classe [1970]. In: \_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 183-202.
- \_\_\_\_\_. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral.** 4ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 183-191.
- BRAGA, R. S. P. **Eduardo Ribeiro: Vida e Obra.** Manaus: Academia Amazonense de Letras. 2011.
- BURKE, P. História como memória social. In: \_\_\_\_\_. **Variedades de História Cultural.** Tradução de Alda Porto. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CARVALHO, J. M. **A Formação das Almas: o imaginário da república no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras. 1990.

- COSTA, E. V. **Da monarquia à república: momentos decisivos.** – 8ª ed. rev. e ampliada. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 2007.
- DOSSE, F. Uma História Social da Memória. In: \_\_\_\_\_. **A história.** Tradução Roberto Leal Ferreira. 1. Ed. – São Paulo: Editora UNESP, 2012.
- ENDERS, A. **Os vultos da nação: fábrica de heróis e formação dos brasileiros.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.
- FERREIRA, S. M. P. **Federalismo, economia exportadora e representação política: o Amazonas na República Velha: 1889-1914.** Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007. 228 p.
- GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GRINBERG, K. **O fiador dos brasileiros.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- GONÇALVES, J. F. Enterrando Rui Barbosa: um estudo de caso da construção fúnebre de heróis nacionais na Primeira República. In: **Estudos Históricos.** vol. 14, nº 25, p. 135-161, 2000.
- LAMB, N. E. Figurações do passado: heroicidade e nacionalismo na virada do século XIX para o XX. **Revista Maracanã,** 8ª edição, janeiro/ dezembro 2012. p. 183-205.
- LESSA, R. **A invenção republicana.** Campos Sales, as bases e a decadência da primeira república brasileira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- LORIGA, S. **O pequeno X: da biografia à história / tradução Fernando Scheibe** – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. – (Coleção História e Historiografia / coordenação Eliana De Freitas Dutra, 6)
- LOUREIRO, A. J. S. **História da medicina e das doenças no Amazonas.** Manaus. Impresso nas oficinas da Gráfica Lorena, 2004.
- MALATIAN, T. M. **A Biografia e a História.** Cadernos Cedem. Vol. I. Nº I (2008).
- MARTINS, E. C. R. O enigma do passado: construção social da memória histórica. In: **Textos de História,** vol. 15, nº 1/2, 2007.
- MESQUITA, O. M. **La Belle Vitrine: O mito do progresso na refundação da cidade de Manaus (1890-1900).** Tese de Doutorado em História apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2005.
- MONTEIRO, M. Y. **Negritude e Modernidade.** Manaus: Governo do Estado do Amazonas. 1990.
- MUSIEDLAK, D. Biografia e História. Reflexões Metodológicas. In: **Revista Esboços,** nº 15. UFSC. pp. 103-109.

**O Amazonas de Luto: o rito fúnebre e a consagração de Eduardo Gonçalves Ribeiro**

NETO, J. R. T. **A república no Amazonas: disputas políticas e relações de poder (1888-1896)** – Manaus: UFAM/ Instituto de Ciências Humanas e Letras. Dissertação (Mestrado em História Social), 2011.

NORA, P. Entre memória e história. In: **Projeto História**, São Paulo (10), dez. 1993. pp. 07-28.

POLLAK, M. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

\_\_\_\_\_. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 03-15.

REIS, A. C. F. **História do Amazonas**. 2ª ed. – Belo Horizonte: Itatiaia. 1989.

REMOND, R. **Por uma história política**. Tradução Dora Rocha. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 472 p.

RICON, L. C. C. O retorno das biografias através de um prisma problematizado ou ultrapassando os limites da solidão. **Revista Poder & Cultura**. Ano I. Vol. I. Março 2014 / [www.poderecultura.com](http://www.poderecultura.com).

SILVA, W. C. L. Biografias: construção e reconstrução da memória. In: **Revista Fronteiras**, Dourados, MS, v.11, n.20, p. 151-166, jul/dez. 2009.

\_\_\_\_\_. Vida póstuma de um ilustre desconhecido: a construção biográfica de Clóvis Beviláqua (1859-1944). In: **Revista Maracanan**. Vol. VIII. nº8 – Jan,/Dez 2012.

SILVA, H. **Nasce a república**. Rio de Janeiro: Editora Três, 1975.